

F N N C

FEDERAÇÃO NORTE-NORDESTE DE CINECLUBES

**CICLO
DO
CINEMA
BRASILEIRO**

MAIO A JULHO DE 1963

BELÉM – TEREZINA – FORTALEZA – JOÃO PESSÔA – RECIFE

Acervo Digital

Walt

da Silva

promoção da FEDERAÇÃO NORTE-NORDESTE DE
CINECLUBES

patrocínio da CINEMATECA BRASILEIRA
e UNIVERSIDADE DO CEARÁ

A idéia inicial deste ciclo nasceu de uma consulta do Pe. Moisés Fumagalli, SJ, fundador e principal animador do Cineclubes Terezinense, sobre se a Federação Norte-Nordeste de Cineclubes poderia conseguir alguns filmes para ilustrar um curso sobre o Cinema Brasileiro. Consultada a respeito, a Cinemateca Brasileira, mesmo asseverada pelas dificuldades que a cercam no momento, prontificou-se a fornecer o grupo de filmes selecionados pela FNNC. São eles: "Sangue Mineiro" e "Ganga Bruta" de Humberto Mauro, "Caçara", de Adolfo Celli, "O Saci", de Rodolfo Nani, "A Primeira Chance", de Roberto Santos, e "O Poeta do Castelo", de Joaquim Pedro Andrade.

O ciclo é bem modesto, sabemos. Quiséríamos poder emprestar-lhe outras dimensões. Seria fácil, por ex., selecionar até vinte títulos de importância, entre curtas e longas metragens nacionais ainda desconhecidas nesta região. Começaríamos mesmo com Humberto Mauro, que acreditamos inédito para a nova geração de estudantes de cinema do norte e nordeste, e viríamos até ao Cinema Novo. Mas aí surgiriam dificuldades maiores: em primeiro lugar, a maioria desses filmes só existe em cópias de 35mm, o que apresentaria o problema de local onde exibi-los; depois, as despesas de transporte aéreo, talvez pesadas demais para os cineclubes participantes, quase todos recém formados e ainda carentes de meios.

A solução encontrada afinal junto à inevitável Cinemateca Brasileira, corresponde à finalidade imediata do ciclo: motivar algumas horas de estudo sobre o cinema nacional. Os filmes são poucos, mas ilustram bem as épocas mais importantes do cinema brasileiro: Cataguases, a Vera Cruz, e os primórdios do Cinema Novo, que talvez possamos completar com a apresentação de um título inédito, como "O Grande Momento", cuja vinda estamos providenciando. Esperamos que os fins pretendidos sejam finalmente alcançados.

HUMBERTO MAURO

Humberto Mauro é uma das figuras mais curiosas e mais produtivas que já teve o cinema brasileiro. Sua primeira incursão no mundo do cinema começou por volta de 1925, quando com uma câmara "Pathé-Baby", realizou uma fita de aventuras, que tomou este título tremendo, — "Valadião, o Cratera". Mas, de tal modo se animaram os produtores dêsse temível Cratera que, em Cataguazes, se organizou uma empresa — a "Sul América Filmes" posteriormente transformada em sociedade anônima com o nome de "Febo Filmes do Brasil S.A.". Estava, com a Sul América, dada a partida para o início do famoso "Ciclo de Cataguazes", e, por uma curiosa coincidência, quase que simultaneamente com a do "Ciclo de Recife", dois grandes movimentos de criação, que teve o cinema brasileiro em sua era muda.

Na "Febo", realiza "Na Primavera da Vida" (1925), "O Tesouro Perdido" (1927), este premiado com um medalhão de bronze como a melhor produção do ano, pela revista "Cinearte", dirigida ao tempo por Ademar Gonzaga; "Brasa Dormida" (1927-28) e em 1928-29, "Sangue Mineiro".

Em 1930, transfere-se para o Rio, passando a trabalhar na Cinédia, onde realiza "Lábios sem Beijos" e "Ganga Bruta", uma das melhores peças do cinema brasileiro em sua fase muda. Foi, ainda na Cinédia, diretor de fotografia de "Mulher", realização de Otávio Gabus Mendes. O ano de 1933 marca o início da colaboração de Humberto Mauro com Carmen Santos, então a organizar a "Brasil Vita Filmes S.A.". Ai, Mauro dirige três documentários de média-metragem: "As Sete Maravilhas do Rio", "Pedro II" e "General Osório", e mais os longa-metragem "Favela dos Meus Amores" (1934) e "Cidade Mulher", também do mesmo ano, ambos baseados em argumentos de Henrique Pongetti.

Em 1936, Humberto Mauro passa, a convite de Roquete Pinto, a integrar os quadros do Instituto Nacional do

Cinema Educativo, onde realiza algumas centenas de pequenas películas sobre os mais variados assuntos: dáticos, científicos, biográficos e dramáticos. Desta série destacam-se: "Os Bandeirantes", "O Despertar da Redentora", "Rui Barbosa", "Rio Branco", etc.

No ano de 1942 volta a realizar um filme para a "Vita": "Argila", com Carmen Santos no papel principal. Finalmente, em 1950, em sua cidade natal, Volta Grande, em Minas, produz, escreve o argumento, fotografa, e interpreta uma comédia romântica — "O Canto da Saudade" — inspirada numa lenda da região.

O MESTRE DE APIPUCOS E O POETA DO CASTELO

O filme mostra dois homens de personalidade e de vida íntima quase opostas: Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, a cada um dos quais são equitativamente consagrados 10 dos 20 minutos que dura a fita.

Preocupam-se ambos com o social e o humano, mas por vias diferentes: pela sociologia e pela poesia. Conhecemos-lhes os nomes, conhecemos-lhes as obras. Quando pensamos nêles é o cientista ou o poeta que vem à mente, raramente o homem na sua faina diária. Pois é esta a faceta que Joaquim Pedro nos apresenta. Não com a intenção de fazer reportagem ou de sublinhar que a existência de todo grande homem contém igualmente a sua parcela de banalidade, mas para integrá-los num contexto social, para situá-los "hic et nunc" como escritores e como pessoas. Da vida cotidiana, comentada através da prosa ou da poesia que tanto conhecemos, nasce uma terceira realidade. Joaquim Pedro estabelece o confronto entre a rotina e a criação.

J.C.B.

PRIMEIRA CHANCE

Não disponho de esquemas para fabricar um argumento. Sou incapaz de partir, racionalmente, de uma idéia central e em função dela, esboçar escaletas, construir personagens, elaborar ações, dividir seqüências, ordená-las; enfim, fazer tudo aquilo que alguma "A Arte de bem escrever um roteiro" gostaria que se fizesse.

Assim sendo, não me será possível expor com muita precisão as diversas etapas que antecederam à construção de "Primeira Chance", embora, — e isso fique bem claro — tenha sempre consciência plena das diretrizes que me orientaram, e normalmente orientam, nessa fase do trabalho.

Sei também, — e isto talvez seja a única constante a me perseguir, — que o aparecimento de personagens antecede a qualquer outro processo de elaboração, e que êsses personagens, por mais que os force, são sempre desprovidos de qualquer tom heróico, em geral amargos, e por uma graça divina qualquer, desconfiados de tudo que seja excessivamente alegre ou excessivamente otimista. Cumpre especificar que tragédias e tristezas em demasia, não são meus fracos.

"Primeira Chance", apesar do rótulo de documentário, não escapou a essa conjuntura. Por isso mesmo, acabou não sendo um documentário, e sim uma espécie de monólogo visual (fica criado ou plagiado mais um gênero), lançado ao público por intermédio de uma personagem descrente.

ROBERTO SANTOS

HUMBERTO MAURO E "GANGA BRUTA"

Por sôbre o grupo de Cataguazes, de que fazia parte Humberto Mauro, se estendeu a influência européia, uma influência revolucionária, que provinha de outro grupo também — o famoso conjunto de artistas, compositores, arquitetos, pintores, escritores, homens de teatro e, certamente, homens de Cinema, conhecido como a "Avant-Garde" francesa, que se propunha renovar os quadros do Cinema, comercializados "à outrance" e até então infestados pelo bolor do "film d'art", a corromper livremente a nova expressão artística que viera com o século e com êle se desenvolvia.

Parece-nos que "Ganga Bruta" é a peça mais representativa dessa influência e que Humberto Mauro, ao lado de Mário Peixoto, seja a figura mais importante, não só do Grupo de Cataguazes, senão de todo o cinema mudo brasileiro e do seu cinema sonoro primitivo.

A Humberto Mauro cabe, inegavelmente, o mérito de haver tentado, pela primeira vez no cinema comercial brasileiro, num ambiente totalmente acanhado e hostil para que tais arroubos se compreendessem e vicejassem, a realização de um cinema em que as imagens fossem como que uma explicação psicológica das personagens, fossem até como que um desdobramento, uma "mise en page" de seus sentimentos, ou de suas paixões mais íntimas. "Ganga Bruta" é o auge dessa tentativa. Em sua estrutura, Humberto Mauro infundiu tal subjetivismo, tal intimismo à sua narração, compôs suas imagens com individualismo, criou um simbolismo tão hermético por vezes, que, para muitos, para a crítica de então principalmente, a compreensão da peça se tornava até dolorida, senão impossível, o que levaria "Ganga Bruta" a um malogro fragoroso de bilheteria, e aos extremos de uma peça sem nenhum valor ou interesse ante uma crítica, já então, em sua maioria, ignorante e incapaz de "sentir" — já não dizemos "compreender" — a beleza etérica e tão pura das imagens e das intenções estéticas de "Ganga Bruta".

CAIÇARA

"Caiçara" foi a primeira produção da Vera Cruz, e compreende-se perfeitamente o entusiasmo que o crítico Francisco Luiz de Almeida Sales expressou na sua série de crônicas publicadas em outubro-novembro de 1950: essa fita constitui "realmente o início do grande cinema brasileiro", porque, além de ser a melhor fita até então realizada no Brasil, ela terá uma "herança". O destino que devia ser o da Vera Cruz dá um sentido diferente às palavras do crítico. De fato, vários erros de planificação, o desprezo da situação econômica e social do Brasil, dos seus antecedentes cinematográficos, e, principalmente, uma distribuição falha, levaram à falência a casa produtora.

A fita entusiasmava pelo seu acabamento técnico e artístico; conseguiu, de fato, um bom equilíbrio entre os seus elementos: direção, montagem, música, interpretação, (ainda que os tipos sejam melhores que os atores propriamente ditos). A fita sobe, do início, até o momento em que Marina abre a janela e vê o mar. Depois, cai até a morte de Amaro, por vários motivos, principalmente porque as cenas do atrito do casal foram mal montadas. Da comunicação da morte a Marina até o fim, a fita se eleva, conseguindo, nas últimas seis seqüências, um nível "quase perfeito".

* * *

Almeida Sales vê dois planos na fita: o drama individual (o choque entre Marina e Amaro) e o câoro coletivo (a aldeia imobilizada, vivendo numa modorra de sesta, que Marina movimentará). Aí estão presentes a vida do litoral, "os gritos de índios, ditos de mamelucos, lamentos e queixas africanas", e os acentos estrangeiros. A fita capta costumes essencialmente brasileiros (o caiopó, o enterro em que o cortejo fica fora do cemitério) e excelentes tipos (a negra Feliciano). (...) Como diz

o crítico, o povo serve de câoro, não é realmente o assunto da fita. Os autores da fita não se "preocupam" com êle, apenas lhe dão "atenção". Em vez de descrever o real papel do povo (como força social e camada inferiorizada), procuram-se temas folclóricos e situações ambíguas (sendo a seqüência dos sinos um claro exemplo), que têm por finalidade fixar o povo na sua situação, satisfazendo a mentalidade pequeno-burguesa, que encontra nessa inferioridade um aspecto poético.

J. C. B.

FICHAS TÉCNICAS

"SANGUE MINEIRO" (1929)

argumento, continuidade e direção: HUMBERTO MAURO
fotografia: EDGAR BRASIL

elenco: CARMEN SANTOS, NITA NEY, CRISTÓVAM,
LUIZ SOROA, PEDRO FANTOL, ROZENDO
FRANCO, MAXIMO SERRANO, ELY SONE e
outros.

"O SACI" (1953)

direção e roteiro: RODOLFO NANNI

argumento: ARTUR NEVES, baseado no romance homônimo de MONTEIRO LOBATO

cinematografia: RUY SANTOS

música: CLÁUDIO SANTORO

assistente de direção: NELSON PEREIRA DOS SANTOS

elenco: PAULO MATOSINHO, LÍVIO NANNI, ARISTÉSIA
PAULA E SOUZA, OLGA MARIA e outros.

"O MESTRE DE APIPUCOS E O POETA DO CASTELO"

direção e roteiro: JOAQUIM PEDRO DE ANDRADE

fotografia: AFRODÍSIO DE CASTRO

câmara: JORGE G. VERAS
assistente de direção: DOMINGOS DE OLIVEIRA
montagem: CARLA CIVELLI, GIUSEPPE BOLDACCONS
narração: FILBERTO FREYRE e MANUEL BANDEIRA

"PRIMEIRA CHANCE" (1961)

direção e roteiro: ROBERTO SANTOS
fotografia: ADOLFO PAZ GONZALES
música: NELSON DOS SANTOS (sobre um tema de
SCHUMANN)
montagem: JOÃO DE ALENCAR
narração: GIANFRANCESCO GUARNIERI
(prêmio "Governador do Estado").

"CAIÇARA" (1950)

direção: ADOLFO CELLI
roteiro: ADOLFO CELLI, RUGGERO JACOBRI e GUSTA-
VO NONNEMERG
diálogos: AFONSO SCHMIDTT
fotografia: H. E. FOWLE.
música: FRANCISCO MIGNONI
elenco: ELIANE LAGE, CARLOS VERGUEIRO, MARIO
SÉRGIO, ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA, FELI-
CIDADE, ADOLFO CELLI
produção: ALBERTO CAVALCANTI (Vera Cruz, S. Paulo)

"GANGA BRUTA" (1933)

direção e roteiro de HUMBERTO MAURO
argumento: OTÁVIO GABUS MENDES
fotografia: EDGAR BRASIL
produção: ADEMAR GONZAGA, para a CINEDIA
elenco: DURVAL BELLINI, LU MARIVAL, DÉA SILVA
e outros.

A matéria aqui inserta foi compilada de publicações da
CINEMATECA BRASILEIRA

câmara: JORGE G. VERAS
assistente de direção: DOMINGOS DE OLIVEIRA
montagem: CARLA CIVELLI, GIUSEPPE BOLDACCONS
narração: FILBERTO FREYRE e MANUEL BANDEIRA

"PRIMEIRA CHANCE" (1961)

direção e roteiro: ROBERTO SANTOS
fotografia: ADOLFO PAZ GONZALES
música: NELSON DOS SANTOS (sobre um tema de
SCHUMANN)
montagem: JOÃO DE ALENCAR
narração: GIANFRANCESCO GUARNIERI
(prêmio "Governador do Estado").

"CAIÇARA" (1950)

direção: ADOLFO CELLI
roteiro: ADOLFO CELLI, RUGGERO JACOBRI e GUSTAVO NONNEMGERG
diálogos: AFONSO SCHMIDTT
fotografia: H. E. FOWLE.
música: FRANCISCO MIGNONI
elenco: ELIANE LAGE, CARLOS VERGUEIRO, MÁRIO SÉRGIO, ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA, FELICIDADE, ADOLFO CELLI
produção: ALBERTO CAVALCANTI (Vera Cruz, S. Paulo)

"GANGA BRUTA" (1933)

direção e roteiro de HUMBERTO MAURO
argumento: OTÁVIO GABUS MENDES
fotografia: EDGAR BRASIL
produção: ADEMAR GONZAGA, para a CINÉDIA
elenco: DURVAL BELLINI, LU MARIVAL, DÉA SILVA
e outros.

A matéria aqui inserta foi compilada de publicações da
CINEMATECA BRASILEIRA

CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS (Belém)
(Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará)
CINECLUBE TEREZINENSE (Terezina)
CINECLUBE CIDADE VERDE (Terezina)
CLUBE DE CINEMA DE FORTALEZA
CINECLUBE IRMÃO ADELINO (Fortaleza)
CINECLUBE CHARLES CHAPLIN (João Pessoa)
CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS (Recife)
(Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife)
FEDERAÇÃO NORTE-NORDESTE DE CINECLUBES
(filiada ao Conselho Nacional de Cineclubes)

Caixa Postal, 707

Fortaleza — Ceará — Brasil